

O CAUSO DA VELHA E DOS DOIS DIABINHOS

José Antônio de Ávila Sacramento

Em memória de José de Alencar Ávila Carvalho - 1925-2000, pesquisador, bom contador de causos e incentivador dos registros da rica história rural que habita os silicosos caminhos da Estrada Real.

Lagoa Verde era o nome de uma fazenda próxima da cidade mineira de São João del-Rei, situada na beira do Caminho Velho da Estrada Real. A propriedade era boa produtora de leite. Havia prósperas plantações de milho, arroz, feijão... Nela morava um *tale* de *siô Quinzinho* e a sua esposa, a dona Matilde, ambos já idosos. Os filhos *ganharam o mundo*, já que a propriedade, apesar de extensa, não haveria mesmo de *dar camisa* para todos; raramente mandavam notícias e mais raramente ainda visitavam a fazenda.

Numa tarde de domingo, lá pela terceira hora da tarde, quando o *siô Quinzinho* descansava acororado na varanda, já se preparando para pitar o seu cigarrinho de palha, caiu repentinamente no chão, vitimado por súbito ataque do coração, partindo desta para a outra vida.

Dona Matilde passou a vestir-se preto e prantear a sua viuvez naquela grande casa, valendo-se apenas da companhia diurna d'uma preta velha, a *siá Mariana*, que morava nas vizinhanças, em meia quarta de terra a ela cedida, benevolência do finado fazendeiro. Alguns meeiros tocavam as roças. Um retireiro de confiança, que morava numa tosca casinha de terreiro, cuidava do *gado solteiro* e das vacas de leite. Os dias iam passando, rotineiramente... Dona Matilde, muito religiosa e precavida, zelava pelo destino final da sua alma, rezando sempre o Rosário, uma relíquia presenteada pelos piedosos frades capuchinhos que de vez em quando costumavam fazer suas pregações nos arraiais da região. Durante o dia, o Rosário ficava no pescoço da dona Matilde; à noitinha, depois da sua reza, ela o dependurava na cabeceira da cama, numa das *pernas* do antigo catre, ao alcance das suas mãos.

Como dizem que o demônio não dá mesmo folga, dois diabinhos resolveram tentar naquelas paragens, certamente que escolhendo aquela fazenda para se aproveitarem da fragilidade e da solidão da velha. Postavam-se sempre em local estratégico, de onde podiam vigiar bem os passos de dona Matilde. Preferencialmente, costumavam praticar as suas tentações defronte da janela da cozinha, onde ficavam assentados e vigilantes em cima da cerca do curral. Daquele local tinham uma boa visão da cozinha, local onde a dona Matilde passava boa parte do seu tempo lidando com suas velhas panelas de ferro num fumacento fogão a lenha. Da cerca, eles sempre jogavam piadinhas para a velha:

- *Ih... a panela do feijão vai queimar...*
- *Oh, Matilde, um dia nós vamos te levar! Levaremos o seu corpo e a sua alma!*
- *Ah! Esse fogo vai apagar... O café vai ferver...*
- *Olha! Esse doce vai desandar...*
- *Você vai se queimar...*

Dona Matilde, embora temerosa, mas confiante em Deus, reagia humildemente, sempre rezando mais um mistério e fingindo fazer vistas grossas àquela provocação demoníaca. Mas os diabinhos não se cansavam; sempre voltavam e todos os dias perturbavam a vida daquela pobre da mulher:

— *Cuidado, Matilde, pois quando você morrer, nós vamos te levar... Aí você vai ver o que é que é bom pra tosse!*

— *Um dia você vai ter de nos acompanhar...*

— *Espere só pra ver, sua velha coroca! Ah, ah, ah...*

A anciã, quando chegava a perder a paciência, chegava até a janela e brandia o Rosário na direção dos coisinhas-ruins, os quais, sentindo um terrível efeito reverso, caíam da cerca e rolavam pelo chão, levantando a poeira do esterco e rindo muito antes de desaparecerem misteriosamente, envoltos numa nuvem de fumaça.

Lentamente passavam-se os anos. Cerca de uma década depois, Deus lembrou de chamar a dona Matilde para ficar junto do *siô Quinzinho*. Ela morreu sozinha, numa tarde-noite de domingo, depois da hora do *Ângelus*, quando descansava na cama e já não havia mais ninguém em casa. Foi uma hora propícia para que os diabinhos agissem. Usaram de todo os seus poderes... Na pressa de levarem a alma e o corpo da dona Matilde, nem mesmo esperaram que a defunta esfriasse... Fizeram enorme esforço para que tudo pudesse ser rapidamente transferido para o inferno: a alma, o corpo da velha, com a cama e tudo, apressadamente, antes que alguém pudesse atrapalhar o intento deles.

Foi neste momento, quando tentavam passar o catre pela janela, que os diabinhos se deram mal... A velha cama da dona Matilde, embora coubesse no grande vão da janela, sempre agarrava de um lado ou de outro, e os diabinhos não conseguiam sair com ela. Uma das pernas do catre impedia a sua saída. A parte que agarrava na janela era justamente aquela onde estava dependurado o Rosário, e os diabinhos, apressados, nem se deram pelo caso.

Como fazia muito barulho, dizem que o retireiro, atraído pela bagunça, acordou de seu sono domingueiro e resolveu dar uma olhada no que estava acontecendo; entrou pela porta da cozinha que, como de costume ficava semi-aberta e deparou com a terrível peleja. Apavorado, lembrou-se de um vidro d'água benta que ficava depositado bem do lado do oratório da sala. Correu e apanhou o vidro. Espavorido, fez o sinal da cruz, mirou bem, depois fechou os olhos e jogou a água na direção dos diabinhos... Foi quando então aconteceu um forte estrondo, exalou-se um forte cheiro de enxofre e os pestinhas desapareceram aos gritos, por ente denso fumaceiro. Uma “coisa” sibilante subiu tão violentamente pelo tronco de uma palmeira que ficava no quintal, chegando até a retorcê-la.

Somente assim o corpo de dona Matilde foi libertado daquela triste sina para ser velado e sepultado dignamente no cemitério do arraial, com direito a missa de corpo presente e a costumeira encomendação da alma.

A água que foi jogada nos diabinhos havia sido abençoada pelo virtuoso Padre Miguel Afonso de Andrade Leite, num dia 29 de setembro, dedicado a São Miguel, última vez em que a dona Matilde esteve rezando lá pelas bandas do arraial de São Miguel do Cajuru.